

06 de Agosto de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem

PUBLIC REPORTING OF EXPLORATION RESULTS, MINERAL RESOURCES AND RESERVES.

Curso Online



CURSOS

A Comissão Brasileira de Recursos e Reservas (CBRR), com apoio da ADIMB, anuncia a realização do curso online “**PUBLIC REPORTING OF EXPLORATION RESULTS, MINERAL RESOURCES AND RESERVES**”, que será realizado pelo **Dr. Kwame Awuah-Offei - Mining & Nuclear Engineering Department (Missouri University of Science & Technology, USA)**, entre os dias **08/09 a 11/09 + 18/09 de 2020**.

[**CLIQUE AQUI**](#)
[**PARA VISUALIZAR A EMENTA DO CURSO**](#)



www.adimb.org.br

Centro Empresarial Liberty Mall - SCN Quadra 02 - Bloco D - Torre A - Salas 501/503/505 - Tel. (61) 3326-0759

Fonte: ADIMB

Realização: ADIMB e CBRR

Data: 06/08/2020

CPPI APROVA POLÍTICA DE APOIO AO LICENCIAMENTO AMBIENTAL PARA PROJETOS DE INVESTIMENTOS PARA A PRODUÇÃO DE MINERAIS ESTRATÉGICOS

O Conselho do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República recomendou a criação e qualificação da Política de Apoio ao Licenciamento Ambiental de Projetos de Investimentos para a Produção de Minerais Estratégicos - "Pró-Minerais Estratégicos".

O Conselho do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República, recomendou a criação e qualificação da Política de Apoio ao Licenciamento Ambiental de Projetos de Investimentos para a Produção de Minerais Estratégicos - "Pró-Minerais Estratégicos", no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos - PPI. A decisão foi publicada no Diário Oficial da União de hoje (4), por meio da Resolução CPPI nº 126, que ainda aguarda regulamentação pela Presidência da República.

A Resolução institui o "Pró-Minerais Estratégicos" de forma permanente, com o objetivo de criar a articulação entre órgãos de governo, para obtenção de licenças ambientais para projetos que aguardam essa etapa. A ideia, é priorizar os esforços governamentais para a implantação de projetos de produção de minerais estratégicos para o desenvolvimento do País.

A publicação, também propõe os critérios que deverão ser atendidos pelos bens minerais para serem enquadrados como "minerais estratégicos", ou seja, serão os bens minerais do qual o País depende de importação, em alto percentual, para o suprimento de setores vitais da economia, ou aqueles que têm importância pela aplicação em produtos e processos de alta tecnologia, ou, ainda, os bens minerais que detêm vantagens comparativas e que são essenciais para a economia pela geração de superávit da balança comercial do País.

Para a avaliação dos projetos que receberão apoio, será criado um comitê, que será integrado por representantes do Ministério de Minas e Energia (MME) - que coordenará o grupo -, do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, dos ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovações e da Economia, bem como da Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República e da Secretaria Especial do Programa de Parceria de Investimentos – SPPI. Por meio dessa ação, empreendimentos de substâncias minerais consideradas estratégicas poderão se submeter à deliberação do Presidente da República para a sua qualificação no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos - PPI.

Os titulares interessados em qualificar seus empreendimentos de mineração no "Pró-Minerais Estratégicos" deverão aguardar a regulamentação da medida pela Presidência da República, bem como a criação do Comitê Interministerial de Análise de Projetos de Minerais Estratégicos (CTAPME), ao qual caberá a definição dos projetos minerários considerados relevantes para a ampliação da produção nacional de minerais estratégicos.

Fonte: MME

Data: 04/08/2020



MINÉRIO DE FERRO SOBE NA CHINA COM DEMANDA E PREOCUPAÇÕES SOBRE OFERTA

Os futuros do **minério de ferro** na **China** avançaram nesta quarta-feira, após uma sessão volátil, impulsionados por uma forte demanda chinesa pela matéria-prima utilizada na fabricação do aço e por preocupações sobre a oferta.

O minério de ferro na bolsa de **commodities** de Dalian fechou o dia em alta de 0,4%, a 888 iuanes por tonelada (127,72 dólares), continuando uma sequência sólida de ganhos que ajudou a levar os preços spot a máximas de 12 meses.

O preço de referência na bolsa de Cingapura subiu 0,1%, para 111,75 dólares, na sétima sessão de ganhos.

"Preços mais altos do aço encorajaram usinas siderúrgicas a manterem sua produção elevada, sustentando a demanda por minério de ferro. Enquanto isso, a oferta efetiva de minério de ferro é limitada", disse o analista Richard Lu, da CRU Group em Pequim.

As chegadas de minério de ferro nos portos chineses e embarques da Austrália e do Brasil caíram na semana passada, segundo dados da indústria.

Processos lentos de desembarque de cargas de minério de ferro estão se somando às preocupações com a oferta, acrescentou Lu.

O vergalhão de aço na bolsa de Xangai caiu 0,3%.

Fonte: Money Times

Data: 05/08/2020



BNDES OBTÉM R\$ 8,1 BILHÕES COM VENDA DE AÇÕES DA VALE, DIZ MONTEZANO

Presidente do banco chamou operação de 'marco histórico' e defendeu o reposicionamento da instituição.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) levantou R\$ 8,1 bilhões com a venda de um bloco de ações da mineradora Vale a R\$ 60,26 cada nesta terça-feira, segundo informou o presidente da instituição em uma rede social.

De acordo com Gustavo Montezano, a transação representa o maior "block trade" da história da América Latina.

Ele ressaltou que o preço de venda ficou estável ante o valor de fechamento do dia anterior e 4% abaixo da máxima histórica.

"Mais importante do que as cifras desse marco histórico é ter o BNDES se reposicionando e voltando suas energias, conhecimento e recursos para o desenvolvimento social e ambiental do nosso país", disse Montezano em publicação no LinkedIn.

"O que muda para nossas crianças se o BNDES perde ou ganha 10% especulando na bolsa de valores? O que isso melhora nosso meio ambiente?", acrescentou o executivo.

Segundo a agência Reuters, com a operação, a participação do BNDESPar -- braço de participações do banco -- na Vale deve cair de 6,3% para cerca de 3,7%.

O movimento do banco ocorre antes do encerramento de um acordo entre grandes acionistas da mineradora, entre eles os fundos Previ e Petros, como parte de um processo para deixar a empresa com capital pulverizado, melhorando a governança corporativa. Esse pacto termina em novembro.

Em 30 de junho, o BNDESPar detinha cerca de 206 milhões de ações da Vale não vinculadas ao acordo de acionistas, e outras mais de 117 milhões vinculadas ao acordo.

"A função do BNDES é, sim, gerar muito lucro para nossa sociedade: lucro ambiental! Lucro social! O lucro sócio-ambiental muda uma nação. É por isso que esse banco foi fundado e é para isso que estamos aqui", afirmou Montezano.

Fonte: G1

Data: 05/08/2020



SOUTH STAR BUSCA RECURSOS PARA DESENVOLVER PROJETO DE GRAFITE SANTA CRUZ, NA BA

A South Star Mining tenta obter um financiamento de US\$ 7,5 milhões junto ao Banco do Nordeste para desenvolver o projeto de grafite Santa Cruz, na Bahia. Segundo a companhia, os recursos são necessários para a aquisição de equipamentos e a construção de planta piloto no projeto, previsto para iniciar a produção em 2021.

Em comunicado divulgado nesta terça-feira (4), a companhia informou que já enviou ao Banco do Nordeste, "responsável pela região do projeto", a solicitação do crédito com a documentação necessária para a concessão do empréstimo.

"Duas linhas de crédito foram discutidas e todas as indicações são de que a documentação do projeto será submetida ao comitê de crédito em agosto para revisão e avaliação. O processo típico do banco requer de dois a três meses para revisar as informações e emitir os termos e condições, se aprovados", observou a South Star.

O diretor-executivo da empresa, Richard Pearce, afirmou que a companhia continua "avançando significativamente para a produção em 2021".

Em março, a companhia obteve licença ambiental para a instalação da planta piloto no projeto Santa Cruz, com capacidade para a produção de até 5.000 toneladas anuais de concentrado na fase um, cujo objetivo, de acordo com a empresa, é "testar o fluxograma", "desenvolver relações comerciais" e "otimizar a produção" de acordo com a demanda.

"Enviamos amostras concentradas e purificadas para clientes em potencial e recebemos feedback positivo sobre o produto. A companhia agradece o apoio de nossos acionistas e insiders que foram firmes em seu compromisso de avançar no projeto, mesmo nos tempos difíceis de uma pandemia global", declarou ele.

O estudo de pré-viabilidade (PFS, no original em inglês) de Santa Cruz, porém, prevê a construção, na fase dois, de uma planta com capacidade para produção de até 25.000 toneladas anuais de concentrado. A operação, de acordo com NPV (sigla em inglês para valor presente líquido) 5% após impostos de US\$ 81,2 milhões e taxa interna de retorno (TIR) de 35%.



BAMIN INICIA OBRAS DE ACESSO AO PORTO SUL, EM ILHÉUS

A Bahia Mineração (Bamin) iniciou obras de infraestrutura de acesso ao seu Terminal de Uso Privado (TUP) em Ilhéus, na Bahia. As obras iniciadas pela mineradora com investimento de R\$ 188 milhões abrem caminho para a implantação do Porto Sul, por onde será escoada a produção de seu projeto de minério de ferro Pedra do Ferro, em Caetité, quando a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) estiver pronta.

O Porto Sul é um projeto comandado pela mineradora, com apoio do governo da Bahia. O terminal, além de minério de ferro (próprio e de terceiros), prevê embarcar outras cargas, como soja, milho, etanol e carvão vegetal.

Desde 2013, a Bamin é a concessionária do TUP. A empresa já dispõe da licença de implantação do porto, bem como de supressão da vegetação na área definida para o empreendimento, na localidade de Aritaguá. "Esse porto é estratégico para nosso projeto e para a Bahia", disse Alexandre Aigner, diretor Financeiro e de Relações Institucionais da mineradora.

A ordem de serviço para as atividades foram dadas a uma construtora de Minas Gerais em meados de julho e a conclusão está prevista para março de 2022. Serão construídas vias de acesso, sinalização, pontes, instalações de rede elétrica e de água, entre outras.

A instalação do porto, especificamente, terá um investimento de US\$ 800 milhões. E essa obra de peso - que tem previsão de durar quase dois anos - só será iniciada quando a retomada da construção da Fiol, sob nova gestão após ser licitada, já estiver acontecendo, informa o diretor da Bamin. "Nossa obra será alinhada à conclusão da ferrovia, que poderá durar cerca de 30 meses", afirmou Aigner.

A licitação da Fiol aguarda o sinal verde do Tribunal de Contas da União (TCU), que vai liberar a publicação do edital. O processo entrou no órgão faz oito meses.

Segundo a Bamin, no auge dessa primeira fase de obras do Porto Sul serão gerados 400 empregos diretos, podendo ter ainda 1,2 mil indiretos. São estimados mais de R\$ 24 milhões em recolhimento de tributos.



COBRE

MVV AVANÇA OBRAS DO PROJETO SERROTE

A Mineração Vale Verde (MVV) avançou, no segundo trimestre, as obras de implantação do projeto Serrote no município de Craíbas, no Agreste Alagoano. Ao todo, a companhia já concluiu 65% das obras e iniciou os desmontes – abertura da cava – com a movimentação de um milhão de toneladas de material no pre-stripping – retirada das primeiras camadas de rocha antes do início da lavra do minério. O projeto Serrote conta com 1,5 milhão de trabalhadores no canteiro de obras, dos quais 70% sendo mão-de-obra local.

"Mesmo diante de tantos desafios, como a pandemia do coronavírus e as intensas chuvas que atingiram a região no primeiro semestre, nosso time tem conseguido com muita disciplina e resiliência avançar com o projeto Serrote. Estamos dentro do nosso cronograma e do nosso orçamento sempre com muita segurança e responsabilidade", afirma o CEO do Grupo Appian Brazil, Paulo Castellari. O projeto tem reservas publicadas de 85,5 milhões de toneladas de cobre sulfetado e a MVV estima iniciar sua operação no segundo semestre de 2021. Atualmente, mais de 30 empresas fornecedoras reforçam o trabalho de implantação do projeto Serrote.

O projeto engloba a lavra e o beneficiamento do minério de cobre. A mina a céu aberto tem vida útil de 13 anos e a capacidade nominal de produção será de 60 mil toneladas de concentrado por ano. O minério será destinado para exportações e a logística deve ser feita pelo porto em Sergipe. A MVV pertence ao Grupo de investimento Appian desde 2018 e deve receber aportes de US\$ 250 milhões até o início da operação em 2021.



Estimativa de produção e vendas para 2020 é mantida

No segundo trimestre, os investimentos da Nexa totalizam US\$ 69 milhões, sendo 77% alocados no desenvolvimento do projeto da Aripuanã (US\$ 46 milhões) e na ampliação da mina de Vazante (US\$ 4 milhões). Maior investimento em curso da Nexa, o projeto Aripuanã, localizado em Aripuanã (MT), está focado na produção de zinco, chumbo e cobre. A entrada em operação está prevista para o segundo semestre de 2021. Os demais 23% do CAPEX foram destinados para manutenção das unidades, gestão ambiental e inovação, entre outros.

De janeiro a junho, os investimentos somaram US\$ 149 milhões, dos quais 50% foram destinados para o projeto Aripuanã. Para o ano de 2020, a previsão de CAPEX está mantida em US\$ 300 milhões, sendo US\$ 172 milhões para o projeto Aripuanã. Em relação à estimativa total de gasto para construção do empreendimento, a empresa prevê que poderá haver um aumento de 10% a 25% em relação ao valor estimado no estudo de viabilidade (US\$ 392 milhões). Esse aumento, porém, deve ser parcialmente compensado por algum ganho cambial no período. Ao final de junho, 43% das obras do empreendimento já haviam sido realizadas. Em razão das medidas para mitigar a disseminação da COVID-19 na região, a Nexa está trabalhando com 80% da força de trabalho planejada para a construção do projeto

Estimativa de produção e vendas para 2020 é mantida

A estimativa de produção e vendas para 2020 está mantida, em linha com o anunciado no primeiro trimestre. A produção de zinco para 2020 deverá alcançar entre 300 e 335 mil toneladas no ano. Em relação à produção de cobre, a Companhia estima alcançar volumes entre 30 e 33 mil toneladas, ao passo que a produção de chumbo deve alcançar entre 33 e 38 mil toneladas. A produção de prata deve chegar entre 6,0 milhões de onças e 6,8 milhões de onças ao longo desse ano. Para o presente exercício, as vendas de metais estão estimadas entre 540 e 580 mil toneladas.

Sobre a Nexa

A Nexa Resources é uma das maiores mineradoras de zinco do mundo, além de produzir cobre e chumbo. Atua há mais de 60 anos nos segmentos de mineração e metalurgia, com operações localizadas no Brasil e no Peru e escritórios em Luxemburgo e Estados Unidos, fornecendo seus produtos para todos os continentes do mundo. Possui mais de 5 mil colaboradores, que atuam, todos os dias, focados na construção da mineração do futuro, para ser cada vez mais sustentável, inovadora e com as melhores práticas de segurança e respeito às pessoas e ao meio ambiente. Desde 2017, suas ações são negociadas nas Bolsas de Valores de Nova York e Toronto, sendo seu acionista majoritário a Votorantim S.A.

Fonte: Top News

Data: 03/08/2020



APETITE CHINÊS POR MINÉRIO DE FERRO LEVA VALE A EXPLORAR NOVO PORTO NO MARANHÃO

A Vale está em negociações com o Terminal Portuário de Alcântara, na cidade de mesmo nome no Maranhão, para aumentar os embarques de minério de ferro para a China. O movimento é adotado em meio às recentes tentativas do gigante asiático de diversificar suas fontes da matéria-prima da siderurgia em meio a um aumento na demanda doméstica.

Alcântara oferece um porto de águas profundas que pode abrigar os graneleros de minério de ferro chamados Chinamax ou Valemax - navios tão grandes quanto alguns arranha-céus que podem transportar muito mais carga do que os navios normais de transporte de minério de ferro. A Vale está considerando um aumento no uso dos navios depois que a China aprovou no mês passado quatro portos adicionais em sua costa para hospedá-los.

Em junho, a China importou quantidades recordes de minério de ferro para atender a um forte aumento na demanda por produtos siderúrgicos diante do boom de infraestrutura e construção civil do país. Cerca de 60% dessa oferta veio da Austrália e preocupações com a oferta aliadas à forte demanda elevaram o preço do minério para preços acima de US \$ 110 por tonelada em julho - um nível não observado desde agosto de 2019.

A operadora privada do terminal de Alcântara, Grão Para Multimodal (GPM), que já tem um contrato de concessão de 25 anos para construir e operar o porto e a nova Ferrovia do Maranhão ligada ao terminal marítimo, está em discussão com a mineradora desde o fim do ano passado para um acordo de take or pay - um contrato que garante uma certa quantidade de produção de minério de ferro - e um certo nível de investimentos de capital. No entanto, esse acordo ainda não avançou.

A Vale havia revelado anteriormente aos investidores que estava interessada no porto de Alcântara, com 25 metros de profundidade (82 pés), embora não fosse a única opção da mineradora para mais instalações portuárias perto de suas operações de mineração no norte do país.

A Vale esperava que o Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, também no Maranhão, pudesse ser expandido para embarcar mais minério de ferro. Mas, até agora, o terminal suporta apenas cerca de 200 milhões de toneladas, em comparação com uma meta de 240 milhões de toneladas, incluindo 100 milhões de toneladas de S11D em Carajás (PA).

Juntamente com os resultados da Vale no segundo trimestre, divulgados na semana passada, e seu compromisso de avançar com a expansão da produção no Sistema Norte, as deficiências de capacidade de Ponta da Madeira e os quatro novos portos da China podem mudar o jogo, disse o diretor executivo da GPM, Paulo Salvador.

"Os Valemax da Vale foram criação do Brasil para aproximar suas minas da China. Portanto, as aprovações dos quatro portos profundos são um voto de confiança na capacidade (da Vale) de fornecer minério de ferro de qualidade. Achamos que é importante para a China ter fornecedores diversificados", afirmou Salvador.

"Acreditamos que seria do interesse da China ter outras opções além do minério de ferro australiano e se tornar menos dependente dele - uma situação que poderia aumentar custos e incertezas nos suprimentos".

Novos terminais

A aprovação da China de quatro novos portos de atracação há duas semanas para acomodar "transportadores de minério muito grandes", padrão Chinamax capazes de transportar até 400.000 toneladas de minério - área dominada pela Vale com seus Valemax - foi um sinal crucial de que portos brasileiros como Alcântara poderiam apoiar um comércio maior entre os dois países, acrescentou Salvador.

Os quatro novos terminais chineses estarão localizados nas cidades de Rizhao, Yantai e Lanshan, na província de Shandong, leste da China, e em Sanduao, província de Fujian, no sudeste.

"A China importa 900 milhões de toneladas por ano e o Brasil não está entregando o que deveria, então os preços do minério de ferro (dwt) subiram muito, cerca de 40%, e apresentam custos enormes para as siderúrgicas chinesas", observou Salvador. "A demanda chinesa é tão grande que eles estão considerando projetos arriscados na África Ocidental, como Simandou (na Guiné)", completou.

O estímulo à infraestrutura na China elevou a demanda e os lucros da Vale e de seus concorrentes - australianas BHP, Rio Tinto e Fortescue - a níveis recordes nos últimos seis meses. Mas China e Austrália travam uma disputa bilateral desde abril, quando Canberra pediu uma investigação internacional sobre as origens do coronavírus.

E o suprimento brasileiro é um complemento importante ao minério de ferro australiano para a China, principalmente porque a produção da Austrália está em plena capacidade, disse Erik Hedborg, analista de minério de ferro da consultoria CRU Group.

O Sistema Norte, com uma das maiores reservas de minério de ferro de alta qualidade do mundo, tem potencial para se tornar um recurso essencial de minério de ferro para a China, disse Hedborg. "Para um recurso tão importante, é importante que a China diversifique suas fontes", avaliou.

O acordo com Alcântara não apenas ajudaria a Vale a reforçar os embarques de minério de ferro do Sistema Norte, mas também poderia acomodar expansões futuras em 50 milhões de toneladas por ano, disse o CRU Group.

"Acreditamos que [Alcântara] é uma solução viável para aumentar a capacidade de remessa do Sistema Norte da Vale, que atualmente é apenas o suficiente para lidar com a capacidade instalada de produção. No entanto, para avançar, o projeto dependerá da estratégia de médio e longo prazo da Vale ", disse o analista do CRU Group Eduardo Tinti.

O desenvolvimento de novos portos de profundidade no Brasil chamou a atenção do governo. Na sexta-feira, durante uma reunião virtual com membros do judiciário federal, o ministro da Infraestrutura, Tarcisio Freitas, mostrou seu apoio ao desenvolvimento de Alcântara e saudou seu potencial para aumentar as exportações brasileiras de minério de ferro.

Salvador disse que o compromisso da Vale com Alcântara também aumentaria a capacidade da GPM de garantir mais capital, principalmente de investidores chineses. O terminal precisa de investimentos de cerca de US\$ 1,5 bilhão para uma nova ferrovia e porto, com capacidade de 70 milhões de toneladas de minério de ferro e 10 milhões de toneladas de grãos por ano até 2024.

Seria necessário mais capital para levar Alcântara a uma capacidade de 140 milhões de toneladas de minério de ferro, 40 milhões de toneladas de grãos e 10 milhões de toneladas de combustíveis e fertilizantes por ano. Salvador disse que a GPM continuaria com a construção, mas espera a adesão da Vale. A mineradora se recusou a comentar.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 04/08/2020



DEEP-SEA MINERALS COULD MEET THE DEMANDS OF BATTERY SUPPLY CHAINS – BUT SHOULD THEY?

Demand for cobalt, and other metals for batteries used in mobile electronics and electric vehicles, is forecasted to dramatically increase. A potential new source of minerals from the deep-sea could enter battery supply chains in under a decade.

Deep-sea mining has attracted controversy due to concerns of potential damage to delicate ecosystems before scientists have had chance to assess what is at stake.

Electronics and automotive companies that depend on these minerals to build their products urgently need to learn about and engage on the topic, for the viability and sustainability of their supply chains.

The world is hungry for resources to power the green transition. As we increasingly look to solar, wind, geothermal and move towards decarbonization, consumption of minerals such as cobalt, lithium and copper, which underpin them, is set to grow markedly. One study by the World Bank estimates that to meet this demand, cobalt production will need to grow by 450% from 2018 to 2050, in pursuit of keeping global average temperature rises below 2°C.

The mining of any material can give rise to complex environmental and social impacts. Cobalt, however, has attracted particular attention in recent years over concerns of unsafe working conditions and labour rights abuses associated with its production.

New battery technologies are under development with reduced or zero cobalt content, but it is not yet determined how fast and by how much these technologies and circular economy innovations can decrease overall cobalt demand.

Deep-sea mining has the potential to supply cobalt and other metals free from association with such social strife, and can reduce the raw material cost and carbon footprint of much-needed green technologies.

On the other hand, concerned scientists have highlighted our limited knowledge of the deep-sea and its ecosystems. The potential impact of mining on deep-sea biodiversity, deep-sea habitats and fisheries are still being studied, and some experts have questioned the idea that environmental impacts of mining in the deep-sea can be mitigated in the same way as those on land.

In the face of this uncertainty, the European Parliament, the prime ministers of Fiji, Vanuatu, Papua New Guinea and more than 80 organizations have called for a 10-year moratorium on deep-sea mining, until its potential impacts and their management methods are further investigated.

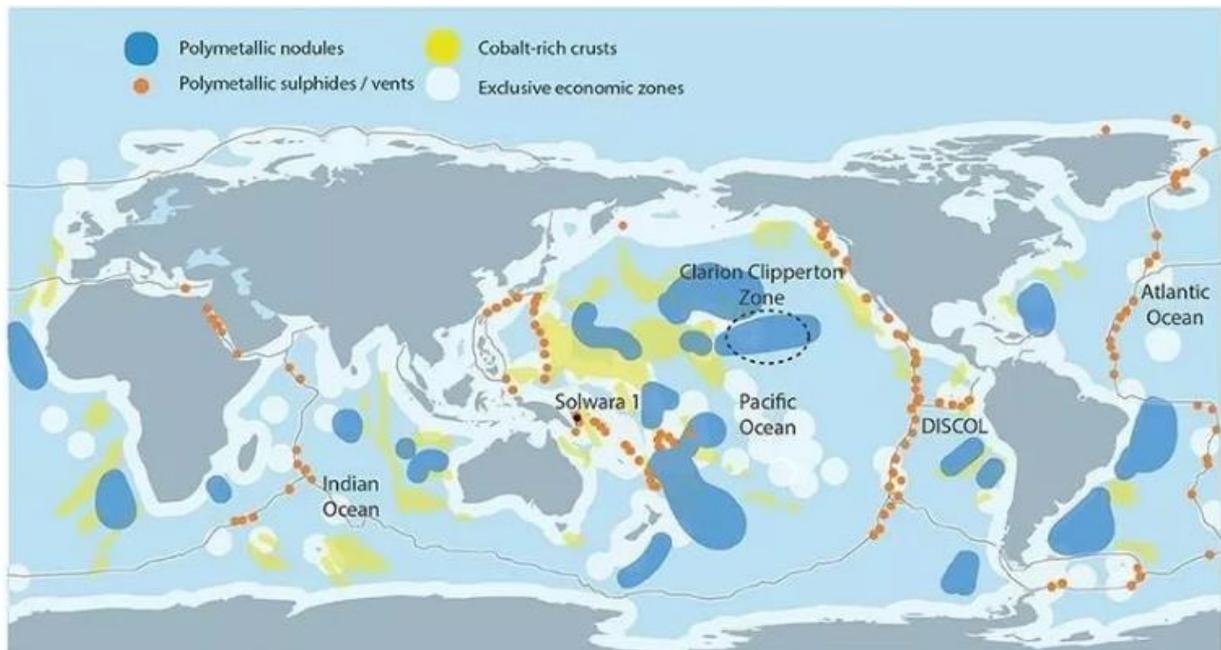
A stark choice is fast approaching

The world is facing a stark choice, whether to press ahead with mining the ocean's floors, hoping that the benefits will outweigh the as-yet-unknown environmental costs, or whether to pause for research and better understanding of what's at stake.

The International Seabed Authority was established to organize, regulate and control mining on the ocean floor beyond national boundaries. Its regulations determine environmental regulations, financial payment regime for benefit sharing and other standards and guidelines. The International Seabed Authority has already drafted exploitation regulations for deep-sea minerals, which will be decided upon at either its October 2020 assembly or its 2021 assembly. Once regulations are finalized and adopted by member states, seabed exploitation contracts could be issued for mining to begin.

In parallel, countries that have mineral deposits in their exclusive economic zones, where the country has the unique right to use the marine resources, are also exploring mining techniques and forming their own regulations. Japan successfully trialled extraction of minerals from the deep-seabed as early as 2017, with the aim to reduce reliance on mineral imports. Cook Islands is also considering granting prospecting licenses in 2021 to diversify its economy from tourism.

Governments and seabed mining companies have been exploring mineral content, measuring deep-sea environmental data and testing seabed extracting technologies for more than 30 years.



Hein et al. (2013)

Image: Map showing deep-sea mineral deposits.

Manufacturing companies cannot afford to wait

Automotive, electronics, battery, aviation and energy development companies have largely been silent in the deep-sea mining debate, up to now. But deep-sea mined cobalt could enter their supply chains within a decade.

As was demonstrated to Apple, Google, Microsoft, Dell and Tesla in 2019, the ethical dimensions of companies' raw material sourcing choices can have both reputational and legal consequences. That year, a federal class action lawsuit was brought against the five companies, over their alleged use of cobalt produced through child labour in the Democratic Republic of Congo.

The ethical dimensions of deep-sea cobalt mining have the potential to be just as contentious, and could pose no less a legal and reputational risk for manufacturers.

Meanwhile, automotive and electronics manufacturers are increasingly acknowledging the strategic importance of their cobalt sourcing decisions. BMW, Tesla, Samsung SDI, SK Innovation have begun bypassing their suppliers of manufactured parts to sign direct sourcing contracts with mining companies that are traditionally many supply chain tiers removed from their procurement departments. For these manufacturers, access to a stable, ethical supply of cobalt is more important than ever. As they increasingly source metals directly, the need to be knowledgeable on environmental and social considerations of their various supply options also grows greater.

A rare opportunity to set the framework before an industry begins

Seabed mineral reserves have been estimated to contain 94,000 tons of cobalt across several different regions - about six times current land-based reserves. If responsible exploitation is possible, these new mineral sources have the potential to dramatically catalyse the low-carbon transition. If exploited irresponsibly, we risk incurring adverse and long-lasting impact on the species, habitats and ecosystems gifted to us by the ocean.

A decision on whether and how to forge ahead is upon us. In order to ensure that we rise to the challenge of that decision, and decide wisely, all stakeholders, including the companies that are set to use this ocean-mined material, must be alert to this emerging debate, and engage with it fully.

Those decisions made today on deep-sea mining are likely to have lasting effects on materials supply chains, the global mineral economy, the economies of some countries, the ocean ecosystem and our ability to tackle climate change as we look to the future.

Fonte: World Economic Forum

Data: 03/08/2020

LARA INICIA PRODUÇÃO DO PROJETO CELESTA

A Lara Exploration Ltd. iniciou o processamento de minério no projeto de cobre Celesta, localizado próximo do município de Curionópolis, na província mineral de Carajás (PA). Os primeiros concentrados de cobre devem ser enviados no início de agosto.

A companhia possui retorno de 2% dos royalties da fundição e devolve uma participação acionária de 5% (para produção) na empresa operadora Celesta Mineração, que é operada em conjunto pelos parceiros Tessarema Resources Inc. (com 40%) e North Extração de Minério Ltda. (com 55% de participação). A Ocean Partners UK Ltd. forneceu financiamento de projetos em troca dos direitos de exploração das minas por toda a vida. A Lara também deve uma multa de US\$ 1 milhão em atraso, dos quais US\$ 200.000 foram pagos até o momento.

O programa de mineração Celesta se concentrará inicialmente no alvo Osmar, que tem uma estimativa de Recursos Indicados de 2,14 milhões de toneladas, com notas médias de 4,2% de cobre e 0,66 partes por milhão de ouro.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 03/08/2020



DIVERSIFYING THE TUNGSTEN SUPPLY CHAIN

The global tungsten industry has yet to achieve success in expanding a supply chain outside China's dominant resource base, but new raw material sources could change the picture.

Tungsten is a rare earth element (REE) and is on the US government's list of minerals considered critical to its economic and national security.

The mineral is primarily used to make wear-resistant metals and the aerospace and automotive industries rely on tungsten alloys. The Tungsten market worldwide is projected to reach over 78.4 thousand metric tons by the year 2025.

Most of the world's tungsten is extracted from mines throughout Asia, and China has long held dominance over the global tungsten supply.

Almonty Industries (TSE: All) is a niche player in Tungsten, servicing mainly heavy industries, with operating mines in Spain, Portugal and South Korea.

Almonty processes and ships tungsten concentrate from its Los Santos mine in western Spain and Panasqueira mine in Portugal, and is working on developing its Sangdong mine in Gangwon Province, South Korea.

In Korea, Almonty is starting construction on Sangdong, which CEO Lewis Black said was formerly the world's largest tungsten mine, after closing a €3.2 million (\$3.6m) private placement in July.

"[Tungsten] is top of US strategic mineral list... with the highest risk of depletion," Black told MINING.COM. "It's a rare commodity to find – it doesn't exist in many places [and is] extremely difficult to extract. It's part art and part science, to preserve a decent recovery."

Black pointed out that when the US-China trade dispute emerged, it reminded the industry why supply chain diversification is important.

Nearly 40% of Chinese tungsten production comes from artisanal mines in Rwanda and the DRC, and with environmental and social governance (ESG) issues topping corporate agendas – buyers want supply chain transparency.

Almonty's mines supply the North American market via two plants – one in upstate NY and one in Pennsylvania, and supply re-exported into either Japan or the EU, then re-imported back into the US to be used in automotive, aerospace and DOD industries.

Lewis believes securing domestic supply of a mineral doesn't necessarily ensure the best supply.

"If you don't have a viable supply that doesn't need to be propped up by a government forever, you have to identify the best projects in jurisdictions with which you are strongly allied with and have legal systems where contracts are enforceable," Lewis said.

Lewis believes a viable strategy is needed to diversify the tungsten supply chain, and that domestic projects shouldn't be funded solely because they are domestic.

"Heavy industries – they should be the ones who are incentivized to encourage diversification because they are in the best position to do it and they are most at risk," Lewis said.

In July, Almonty announced results of an industry survey on challenges US-based manufacturers face as a result of China's dominance of the supply of strategic metals.

Fonte: Mining.com

Data: 03/08/2020



CANADENSE JIULIAN RESOURCES ADQUIRE PROJETO DE OURO PEDRA BRANCA DA JAGUAR

Jiulian Resources assinou contrato de opção definitiva com a Jaguar Mining para aquisição de até 100% do projeto de ouro Pedra Branca, no Ceará. Pelo acordo, a Jiulian assume inicialmente 75% de participação no projeto por um valor mínimo de US\$ 1 milhão destinados à exploração do ativo.

De acordo com o contrato assinado no último dia 29, a Jiulian tem opção de adquirir os 25% restantes com o investimento necessário para apresentação de um relatório técnico em conformidade com o National Instrument 43-101 (NI 43-101) e concedendo um royalty de 0,5% sobre a receita líquida de produção (NSR, do inglês net smelter return) para a Jaguar.

Pelo acordo, a Jiulian será a operadora do programa de exploração com um "compromisso mínimo de trabalho para manter a área em situação regular com o Ministério de Minas e Energia (MME)". A companhia também tem opção do royalty NSR por US\$ 1 milhão.

"A Jaguar concordou em fornecer suporte técnico durante o período inicial de entrega. Jiulian e Jaguar compartilharão a responsabilidade pela preparação e envio dos relatórios finais de exploração, caso as restrições de tempo se tornem críticas", afirma a Jiulian.

O contrato prevê também a opção de a Jaguar readquirir 24% do projeto por 2,5 vezes o valor pago pela Jiulian. Neste caso, será criada uma joint venture entre as duas, com 51% do capital controlado pela Jiulian e 49% pela Jaguar, que havia adquirido a propriedade em 2017.

"No caso de qualquer parte diluir sua participação abaixo de 10%, essa participação reverterá para royalty 0,5% NSR, do qual 0,25% poderá ser comprado por US\$ 1 milhão pela parte não diluidora", acrescenta o comunicado.

Projeto

O projeto Pedra Branca compreende 24 licenças que abrangem uma área de 38.926 hectares, com uma zona de cisalhamento de 40 km. De acordo com a Jiulian, já foram realizados 9 quilômetros de sondagem na região, com "três descobertas e cinco áreas-alvo em potencial até o momento".

Ainda de acordo com a empresa, Pedra Branca tem "excelente infraestrutura dentro e fora da área do projeto, incluindo energia, estradas pavimentadas e instalações de minas".

"O projeto Pedra Branca é uma oportunidade significativa para a Jiulian. Ao concluir este programa de exploração, poderemos ganhar o controle de um projeto altamente prospectivo", salientou o presidente e diretor-executivo da companhia, Douglas Meirelles.

"O potencial de crescimento, considerando a zona de cisalhamento regional de 40 km, juntamente com os esforços bem-sucedidos que foram feitos a partir de sondagens e mapeamentos concluídos pela Jaguar e por proprietários anteriores, fornecerão à Jiulian a oportunidade de desenvolver substancialmente este projeto", completou ele.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 03/08/2020

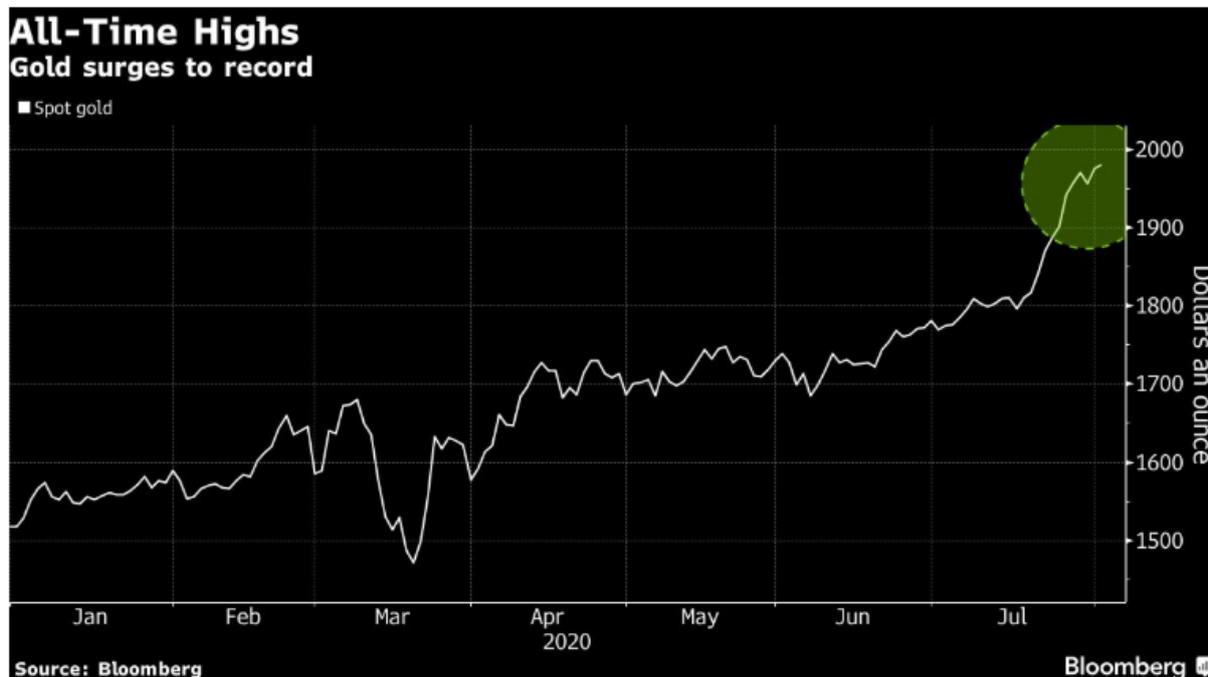


GOLD PRICE PULLS BACK FROM RECORD HIGH

Gold prices retreated from a record high on Monday as US and European equities rose on positive economic data and the dollar climbed. Worries over rising coronavirus cases and its impact on the global economy still remain, limiting bullion's losses.

Spot gold fell 0.4% to \$1,967.97 per ounce by noon EDT, after reaching an intraday high of \$1,984.70 per ounce. Gold futures edged 0.5% higher at \$1,986.90 an ounce on the Comex in New York.

"Over the past two weeks we've had such a climb in gold, it's going up so fast that you're going to see people wanting to digest or take some profits," Michael Matousek, head trader at U.S. Global Investors, told Reuters, adding that a rising dollar was also weighing on prices.



“We have definitely seen a loss of momentum over the past several sessions where only modest, even marginal new highs are being made, which has likely driven shorter-term players to take some profit and trade it, rather than simply holding long positions,” Tai Wong, head of metals derivatives trading at BMO Capital Markets, told Bloomberg. “It suggests a deeper albeit still modest correction is possible.”

While the rally appeared to pause, analysts who say gold is overvalued are not expecting a substantial decline. A correction probably will be measured, thanks to the weak dollar and chronic turmoil in the global economy, BNP Paribas SA said in a note.

Bullion has surged about 30% so far this year, supported by lower interest rates and widespread stimulus measures by global central banks to ease the economic blow from the pandemic.

“We see a lot of people anticipating once that (stimulus) comes out, more bids will come into gold,” Matousek said.

Fonte: Mining.com

Data: 03/08/2020

BRASIL
mineral

MINERAÇÃO NA BOLSA

COMO VIABILIZAR NOVOS MECANISMOS DE FINANCIAMENTO?

A importância da disponibilidade de crédito para promover a mineração no território nacional não é discussão nova. A indústria mineral é intensiva em capital e, no Brasil, à exceção dos minerais radioativos, é o capital privado que viabiliza a atividade, de modo que o acesso a mecanismos de financiamento é fundamental para a implantação e expansão de empreendimentos minerários.

O cenário da pandemia de Covid-19 impôs efeitos danosos sobre a vida humana, nas mais diversas dimensões. No aspecto econômico, projeções apontam quedas significativas no PIB brasileiro, com impactos acentuados nos investimentos.

O movimento de recuperação econômica do País requererá do Poder Público atenção especial no que se refere ao desenho de políticas e medidas que ampliem e garantam a atratividade aos investimentos privados, especialmente nos setores de infraestrutura e mineração.

É nesse contexto que a mineração poderá exercer papel de destaque no processo de retomada, tanto por sua já relevante participação no cenário econômico nacional - o setor responde por 2,6% do PIB brasileiro - quanto por seu potencial de expansão.

A despeito da importância da indústria mineral para a economia nacional, o setor ainda opera abaixo de seu potencial, havendo amplo e reconhecido espaço para crescimento.

Nos anos mais recentes, os entraves domésticos se somaram à conjuntura global para produzir um cenário em que o Brasil - apesar de sua extensão territorial, riqueza geológica e tradição minerária - não figura entre os países que mais recebem investimentos privados em mineração, estacionado no patamar de 3% dos dispêndios em pesquisa mineral do mundo.

Enquanto nos mantemos nessa posição, observamos outros países da América do Sul, como Chile e Peru, ganharem cada vez mais espaço.

Então, se, por um lado, o desenvolvimento da mineração passa pelo acesso a mecanismos de financiamento, por outro, o que se observa é que a oferta de crédito tradicional tem perdido força em vários países do mundo. O risco associado à pesquisa mineral e a volatilidade dos preços das commodities metálicas parecem estar entre os fatores que têm impactado na disponibilidade de crédito ao longo dos últimos anos.

É sob essa ótica, que, explorar o potencial da indústria mineral nacional e convertê-la em um dos vetores da retomada econômica no pós-pandemia, requer engajamento para pensar, implementar e dar efetividade a políticas que ampliem a disponibilidade de recursos financeiros e o acesso a novos mecanismos de financiamento.

Com a redução do crédito via fontes tradicionais, o setor tem recorrido a mecanismos alternativos de financiamento, como emissão de ativos, fundos privados, concessão de benefícios ao investidor e contratos de royalties e de streaming. Diversos países têm reconhecido a importância do financiamento para o desenvolvimento da atividade, adotando políticas específicas para ampliar o acesso a recursos financeiros, tanto pelo incentivo à criação de fundos domésticos quanto pela captação de recursos em fundos ou bolsas estrangeiras.

Essa visão geral, que aponta para as necessidades, tendências e soluções em nível global, mostra que os investimentos em mineração permanecem se realizando, seja por fontes tradicionais ou alternativas. Ao setor mineral brasileiro, cumpre internalizar essa nova dinâmica.

O movimento parece dar os seus primeiros passos, a exemplo do IPO realizado pela Aura Minerals, na B3, em oferta de R\$ 790 milhões. O feito inédito, de lançamento de ações em bolsa brasileira por uma empresa junior de mineração, reafirma as oportunidades pouco exploradas pelo setor mineral, que poderão ser ampliadas com as medidas de incentivo e com a inclusão definitiva da mineração no mercado financeiro nacional, beneficiando tanto a pesquisa mineral quanto projetos pré-operacionais.

Quanto aos fundos de investimento, atualmente, no Brasil, a legislação prevê a captação de recursos no mercado de capitais, com benefícios fiscais ao investidor, para o financiamento de projetos de setores considerados prioritários pelo governo, com destaque para as debêntures incentivadas, instituídas pelo Lei nº 12.431/2011 e cujas emissões, desde a sua instituição, já somaram cerca de R\$ 100 bilhões. Ou, ainda, os fundos FI-Infra e os fundos de investimento em participação em infraestrutura - FIP-IE, estes instituídos pela Lei nº 11.478/2007.

Ocorre que, de forma equivocada, a mineração não figura no rol de beneficiários, entendendo-se imperiosa a sua inclusão.

É premente, portanto, um esforço de todo o setor mineral para permitir que os mecanismos mais modernos de financiamento sejam implementados em nosso País, atraindo novos investidores e mais investimentos.

Na esteira das políticas do governo para atrair investimentos, como a ampliação da oferta de áreas, desburocratização, implantação dos conceitos internacionais de recursos e reservas e o uso do título minerário como garantia de financiamento, novos mecanismos de financiamento poderão tomar papel importante não apenas no que tange a viabilizar empreendimentos, mas a contribuir para a modernização do setor. Isso porque podem se tornar via de promoção do desenvolvimento sustentável, da responsabilidade socioambiental, da ética e da transparência, ao exigir das empresas tomadoras a assunção de compromissos e oferecer incentivos a pequenas e médias empresas.

Os benefícios para a promoção da sustentabilidade não advêm de dedução, mas de fatos. No contexto da captação de recursos via compra e venda de ativos para o financiamento de projetos, o que se observa é uma tendência de preferência pelos "projetos verdes". Vide o crescimento dos green bonds, ativos voltados a projetos ambientalmente corretos, e dos fundos ESG, voltados ao financiamento de projetos sustentáveis.

Em suma, trata-se de pensar, de forma urgente, um cenário de inclusão da mineração no sistema financeiro nacional, ressaltando que, para além das políticas de incentivo e de medidas de regulamentação, é necessária uma postura do setor no sentido de aprimorar a aplicação das ferramentas de engenharia financeira aos projetos e atuar com responsabilidade socioambiental. Assim será possível avançar no objetivo comum de colocar a mineração brasileira em posição estratégica, como indutora do desenvolvimento do País, atraindo, ainda, investimentos para a sua cadeia de fornecedores, promovendo crescimento econômico e desenvolvimento regional.

A discussão não é nova, mas diante da conjuntura econômica atual e das demandas sociais mais recentes, os desafios não são os mesmos. Alcançar a mineração do futuro, aquela que desejamos e que muito pouco guarda da mineração do passado, requer disrupção.

Fonte: Brasil Mineral

Autores: Frederico Bedran (MME) e Mariana Clara Fontineli (MME)

Data: 03/08/2020

EXPLORAÇÃO DAS PROFUNDEZAS DO MAR PREOCUPA COMO 'ÚLTIMA FRONTEIRA' PARA MINERAÇÃO

Cada vez mais escassos em terra firme, recursos naturais usados na fabricação de produtos tecnológicos com alta demanda estão fazendo a indústria se preparar para uma verdadeira "corrida" do ouro — só que no fundo do mar.

É lá que podem ser encontrados sedimentos com manganês, ferro, cálcio e outros metais, além de reservas dos chamados nódulos polimetálicos — recursos minerais usados na produção de painéis solares, baterias, artefatos bélicos e laboratoriais.

"Esses recursos são os que irão impactar as economias mundiais, seja para a produção de baterias com maior eficiência e durabilidade, seja para ligas metálicas de alta tecnologia para a indústria robótica e aeroespacial", explica o geólogo Eugênio Pires Frazão, do Serviço Geológico Brasileiro (CPRM), apontando que alguns países já vêm recorrendo, em terra, ao reaproveitamento de sucata e à extração de minerais específicos a partir de eletrônicos já existentes.

Mas nem isso pode ser suficiente para suprir à alta demanda por recursos.

"Dessa forma, restará aos países explorarem as regiões mais remotas do planeta, a última fronteira exploratória da Terra, os oceanos profundos. É literalmente uma corrida pelo ouro."

No mundo, 30 licenças para a pesquisa exploratória de vastas extensões do fundo do mar, envolvendo 22 países exploradores, já foram emitidas pela Autoridade Internacional dos Fundos Marinhos (ISA, na sigla em inglês) — uma organização internacional fundada após uma convenção das Nações Unidas sobre o tema.

Atualmente, porém, não existe nenhum contrato vigente concedido pela ISA para a exploração efetiva dessas áreas, com retirada de recursos. As normas para isso estão sendo elaboradas, neste momento, pelos países-membro da organização.

Entre as companhias que já receberam licenças para pesquisa exploratória, está a própria CPRM, uma empresa pública brasileira.

Desde 2015, o Estado brasileiro tem o direito exclusivo de pesquisa exploratória das crostas ferromanganesíferas ricas em cobalto em uma área de 3000 km², além da jurisdição nacional, no Atlântico Sul — na região conhecida como Elevação do Rio Grande (ERG). A licença tem período de 15 anos.

Trata-se do primeiro contrato para exploração no Hemisfério Sul e o quarto no mundo. O programa segue em fase de estudo da viabilidade econômica.

"Em relação aos recursos minerais, estamos apenas começando (no país) as pesquisas fundamentais para que possamos quantificar esses recursos. É um programa de Estado que em determinado momento deverá atrair o setor privado. Hoje, temos apenas alguma produção de granulados bioclásticos e sal gema na plataforma continental até 30 metros de profundidade que ainda não possuem expressão econômica significativa", explica Frazão.

O geólogo afirma que a exploração pelo Serviço Geológico do Brasil cumpre responsabilidade ambiental e segue todas as normas internacionais para o estudo e desenvolvimento da "linha de base ambiental da área do contrato", ou seja, pesquisa e levantamento dos recursos minerais e da biodiversidade do país de modo a minimizar impactos.

"Com a interposição das ONGs ambientais, acreditamos que um debate propositivo e com embasamento científico só virá a engrandecer a questão da mineração em profundidade mundialmente. Quanto maior o acúmulo de conhecimento a respeito do tema, mais segura, responsável e sustentável será a atividade mineratória de profundidade", diz o geólogo.

Expectativa sobre posição europeia em moratória à mineração em alto mar

A menção às ONGs não é fortuita: elas têm feito barulho quando o assunto é a mineração no fundo do mar, usando frequentemente para isso pesquisas científicas.

No ano passado, o Greenpeace entregou uma carta de cientistas marinhos de todo o mundo para os governos na assembleia anual da ISA, ocorrida entre os dias 25 de fevereiro e 15 de março, em Kingston, Jamaica, afirmando que a indústria emergente da mineração em alto-mar "coloca a saúde geral do oceano e seus ecossistemas sob ameaça" e poderia contribuir para a degradação do clima.

Para Louisa Casson, estrategista política sênior do Greenpeace no Reino Unido, as ameaças justificam uma única solução: a mineração no fundo do mar não deve ser permitida, defende.

"É urgente pararmos esse setor antes mesmo de ele começar. Governos de nações como Papua Nova Guiné, que anteriormente apoiavam a mineração em águas profundas, se voltaram contra essa indústria arriscada, juntando-se a Fiji e Vanuatu, grupos do setor pesqueiro, o naturalista David Attenborough e líderes cientistas no apoio a uma moratória", exemplifica.

"Ao descortinar uma nova fonte de minerais, a mineração em alto-mar incentiva que deixemos de abordar as questões fundamentais de consumo excessivo e uso extremamente ineficiente de recursos em favor de uma rota de fuga, sem evitar encarmos os limites impostos pela natureza finita dos recursos minerais", complementa Casson.

Em sua Estratégia de Biodiversidade para 2030, publicada recentemente, a Comissão Europeia se uniu ao pedido de uma moratória à mineração comercial em alto mar. Por isso, todos os olhos se voltam para a posição da União Europeia e seus 27 Estados membros — de um total de 36 — no próximo encontro anual da ISA, previsto para outubro de 2020. A pauta deverá também ser central no próximo Congresso da União Internacional para a Conservação da Natureza em Marselha, França, em janeiro de 2021.

Hoje, para o secretário-geral da ISA, Michael Lodge, o regime de mineração em alto-mar vigente, de 1982, é o mais inovador já criado pela humanidade para o uso equitativo e sustentável dos recursos naturais.

"Esse regime legal cuidadosamente equilibrado, porém abrangente, foi criado para impedir a disputa de recursos por países tecnologicamente avançados no fundo do mar e para garantir que a pesquisa científica, a exploração e a extração beneficiem toda a humanidade. Foi desenvolvido para garantir que a mineração no fundo do mar não fosse realizada por ordem de chegada, mas sob gestão internacional com padrões ambientais globais claros", escreveu Lodge no blog da organização.

"Não consigo pensar em nenhuma outra atividade no oceano em que tivemos a chance de estabelecer as regras antes que a atividade ocorresse, e devemos aproveitar todas as vantagens dessa oportunidade."

Em abril de 2019, com o lançamento da Comissão Jurídica e Técnica da ISA, um corpo especialista formado por 30 membros, foi dado um largo passo para um projeto de código de mineração que permitiria a exploração comercial do fundo do mar. O Código de Mineração, garante Michael Lodge, "permitirá a exploração do fundo do mar de maneira a equilibrar a necessidade de minerais com rigorosa proteção ambiental."

O professor doutor Denis Moledo de Souza Abessa, coordenador do Núcleo de Estudos sobre Poluição e Ecotoxicologia Aquática (Nepea) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), no entanto, não acredita muito nisso. Para ele, é difícil crer que o Código de Mineração seja capaz de garantir que não ocorrerão danos ao meio ambiente e à vida marinha — isto pelo que se já se vê na mineração em terra.

"Se nas regiões visíveis já temos problemas, imagine numa área distante da costa onde não tem ninguém olhando. Com a questão do petróleo acontece isso — com os fluidos de perfuração, vazamentos e a água que se separa do petróleo, a qual carrega muitos contaminantes. Em relação à mineração nos fundos marinhos, o meu maior temor é que vai ser feita a escavação, então tudo o que estiver abaixo, os habitats, vai ser destruído. É o mesmo problema da pesca com redes de arrasto."

"As coisas que aconteceram recentemente nas áreas de mineração continental no Brasil, como Mariana, Brumadinho, e outras áreas que estão aí com barragens quase caindo, nos deixa ver muito bem qual a visão setorial tida sobre o meio ambiente", observa o professor.

"Nós conhecemos mais da Lua do que do fundo marinho", diz o professor, apontando o desconhecimento que se tem sobre estes habitats e, mais ainda, sobre os impactos da exploração mineral neles.

Biodiversidade e regulação de temperaturas e carbono

Hoje, 66% da área oceânica experimenta impactos cumulativos crescentes, como aponta o Relatório de Avaliação Global da IPBES (Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos). E o oceano profundo, com ecossistemas inexplorados, é particularmente vulnerável a interferências humanas.

O mar profundo cobre cerca de 65% da superfície do planeta, controlando e hospedando grande parte da biodiversidade do planeta. Esses lugares remotos também desempenham um papel importante na regulação da temperatura e de gases do efeito estufa.

Um estudo recente, publicado em abril pelo Instituto Max Planck de Microbiologia Marinha, apontou por exemplo como habitantes microscópicos de planícies marinhas, que convivem com materiais economicamente rentáveis, seriam diretamente impactados em suas condições bioquímicas.

Pesquisadores foram ao Pacífico, a cerca de 3.000 quilômetros da costa do Peru, para verificar o que tinha acontecido com uma área que, em 1989, passou por uma simulação conduzida por cientistas alemães. Eles usaram equipamentos para "arranhar" o fundo do mar a 4 mil metros, em uma área rica em manganês.

Na nova incursão, 26 anos após a simulação, pesquisadores verificaram que os rastros do arado no fundo do mar ainda eram claramente visíveis; e também que a presença de bactérias nas áreas que sofreram a intervenção era menor do que nas áreas "virgens". Segundo os autores, seriam necessários 50 anos para que os micróbios originais dali retomassem completamente suas funções biológicas normais.

Fonte: BBCA News Brasil

Autor: Eduardo Ribeiro

Data: 01/08/2020



**SERVIÇO GEOLÓGICO
DO BRASIL – CPRM**

PROJETO GRAFITA BRASIL REÚNE PROFESSORES DA UFMG PARA DISCUTIR ORIGENS E APLICAÇÕES DA GRAFITA

Para entender melhor e aprofundar as discussões sobre a grafita, o Projeto Grafita Brasil promoveu, na quarta-feira (29), a live “Uma conversa sobre grafita e grafeno”, com a participação dos professores Antônio Carlos Pedrosa Soares (Geologia) e Flávio Plentz (Física), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Iniciado em 2017, o Grafita Brasil é um projeto da Divisão de Geologia Econômica (DIGECO), vinculada ao Departamento de Recursos Minerais (DEREM), da Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM). O trabalho estuda o potencial brasileiro de grafita e atualmente está na Fase II. A primeira etapa, que realizou um primeiro levantamento sobre a potencialidade geológica e geoquímica do território nacional a fim de selecionar as primeiras áreas para estudos, foi concluída no fim de 2019 com a elaboração de um Informe Mineral.

Durante a live, Pedrosa Soares tratou das principais ocorrências de depósito da grafita no Brasil, em Minas Gerais e na Bahia. O docente, que orienta trabalhos e estuda as regiões desde 1994, afirmou que, embora o território brasileiro não abrigue muitas ocorrências da grafita, os depósitos existentes são gigantescos. “Em 2015, o Brasil produzia 80 mil toneladas de grafita, que é um mineral de alta tecnologia, ou seja, sustenta as grandes indústrias do mundo moderno. A produção mundial daquele ano era de 1,17 milhão de toneladas”, explicou.

De acordo com Pedrosa Soares, a grafita aparece na natureza de três formas diferentes: microcristalina, lamelar (flake) e lump (maciça). O foco de sua apresentação foi no tipo lamelar. “É uma grafita de estrutura cristalina bem desenvolvida, com teor de carbono variando entre 80% e 90%. Pode apresentar impurezas de sulfetos e inclusões de minerais aluminosos, por exemplo”, caracterizou. A disseminação lamelar ocorre na forma de palhetas orientadas na foliação, com lamelas de variados tamanhos, de até 4cm, e originadas do metamorfismo regional de sedimentos carbonosos em alta temperatura. “O regime de pressão não importa muito, mas a temperatura alta, sim”, explicou o professor.

O Brasil é um dos maiores produtores da grafita lamelar do mundo, ao lado de China e Moçambique, com grandes distribuições em dois focos: a Província Grafítica Minas-Bahia, no nordeste mineiro; e o maior, na região de Itapacerica, no sul de Minas Gerais. De acordo com o pesquisador, a Província Grafítica Minas-Bahia, com idade do metamorfismo regional gerador da grafita entre 570 e 540 ma, possui três distritos: Pedra Azul Maiquinique (depósitos do tipo xisto), Almenara (transição dos tipos xisto e gnaïsse) e Salto da Divisa - Itamaraju (depósitos do tipo gnaïsse e tipo lump).

A origem dos depósitos de grafita no Brasil, conforme expôs o professor, data do período ediacarano. Esses depósitos começaram com o golfo Araçuai Orogênio, formado dentro do paleocontinente com o Cráton São Francisco. A bacia do complexo Jequitinhonha, na terminação norte do golfo ediacarano, foi alimentada por duas fontes, uma antes da fase orogênica e outra por meio de rochas situadas no arco rio Doce (provedor de zircões). “A deposição de organismos marinhos durante o ediacarano ocorreu após a última grande glaciação do neoproterozóico. A matéria orgânica marinha resultou na grafita gnaïsse. A lama, por sua vez, formada por lagunas e depósitos de areia, tornou-se grafita do tipo xisto”, especificou.

Grafeno e aplicações industriais

O professor Flávio Plentz abordou o Projeto MGrapheno, encomendado pela Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais (CODEMGE), e feito pelos institutos de Física e Ciência da Computação da UFMG, pelos centros de Microscopia e de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear (CDTN) da instituição e pelo Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Universidade de São Paulo (USP). A iniciativa, que reúne 62 pesquisadores, busca elaborar a produção de grafeno a partir de grafite natural por esfoliação em fase líquida e demonstração de aplicações. “A CODEMGE pediu que fosse desenvolvida uma tecnologia de produção de grafeno inteiramente nacional a partir do grafite produzido em Minas Gerais”, explicou Plentz.

De acordo com o professor, a reserva de grafite do Brasil é a 2ª maior do mundo e o país é o 3º maior fornecedor de grafite mundial. A produção brasileira é responsável por 27% do número global, de 270 milhões de toneladas. “O grafeno é considerado um dos materiais-chave na atual era econômica de transformação e modernização, e Minas é pioneira em iniciativas envolvendo o mineral”, mostrou o pesquisador.

Plentz definiu o grafeno como um material lamelar feito pelo empilhamento de folhas bidimensionais formadas exclusivamente por átomos de carbono. Nos planos, as ligações são covalentes, as mesmas dos diamantes, ou seja, muito fortes. Entre os planos, as ligações são mais fracas, porque acontecem entre elétrons, perpendiculares aos planos. “São fracas quando comparadas com as ligações no plano, mas continuam sendo ligações fortes. O desafio é separar cada uma das folhas sem destruí-las. No final das contas, é promover uma clivagem ao longo do plano e estabilizar o material de tal forma que o que for gerado preserve as propriedades do original”, destrinchou.

Segundo o docente, o processo de elaboração começa na mina de grafite, com a mineração, passando por processamento e refinamento, lixiviação (filtração), até chegar à aplicação industrial do grafeno.

O MGráfico começou em 2016 e terá três fases. Atualmente está na fase dois, que deve durar até 2022. “O status do projeto hoje inclui uma planta piloto, com taxa de conversão grafite - grafeno de 10%, elevadíssima para qualquer padrão internacional. A capacidade de produção é 150 kg/ano, sendo que na fase dois a expectativa é que chegue a 500 kg/ano. A água utilizada é 100% reciclada e reaproveitada no próprio projeto”, argumentou Plentz, que apresentou os três produtos-base gerados: grafeno de poucas camadas, nanografite e nanoplacas de grafeno.

“Todo o processo foi desenvolvido para que possa ser escalonado para produção em grandes quantidades”, argumentou o professor. “O objetivo do projeto é tornar o grafeno largamente disponível, partindo de algumas fraquezas observadas no mercado”, continuou. Segundo Plentz, as folhas de dados normalmente fornecidas não têm caracterização transparente, que diga como foi feita e a partir de qual material. “A matriz e a metodologia de caracterização que desenvolvemos são as mais completas do mundo. Isso é fruto de muito trabalho”, orgulha-se.

Entre as aplicações do grafeno, estão: tintas condutoras, cimento, baterias de lítio-enzofre, proteções anticorrosão, elastômeros e sensores, filmes finos, hidrogéis e supercapacitores. “A ideia toda baseia-se em demonstrar e ter o know how como um recurso a ser ofertado às companhias que queiram introduzir grafeno em suas aplicações”, concluiu Plentz.

Fonte: CPRM

Data: 31/07/2020



CHILE'S CODELCO COPPER OUTPUT UP IN FIRST HALF 2020 DESPITE CORONAVIRUS

Chile's Codelco, the world's top copper producer, said on Friday it boosted output by 4.7% in the first six months of 2020 even as the coronavirus outbreak forced it to rely on skeleton crews.

Pretax profits of \$380 million jumped 20% over the year-ago period, the company said. Cash costs plunged 9%, helping boost profits alongside strong output.

“The early measures taken by the company to protect the health of its workers allowed us to maintain operational continuity,” the company said in a statement.

Codelco said it produced 744,000 tonnes of copper in the first half, attributing the increase to improved processing, higher ore grades and resilience in the face of the pandemic.

Chile, the world's top copper producer, has largely maintained copper output despite the pandemic, with Codelco resisting union pressure to shut down its mines.

Fonte: Reuters

Autores: Dave Sherwood e Fabian Cambero

Data: 31/07/2020



PARCERIA BASF E INTELLISENSE.IO ACELERA A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO SETOR DE MINERAÇÃO

Soluções de inteligência artificial para o beneficiamento de minérios, fornece otimização remota em toda a cadeia de valor.

Os aplicativos "Optimization as a Service" (OaaS) podem ser configurados para indústrias minerais individuais dentro de três meses.

A BASF, indústria química global, e a IntelliSense.io, líder em inteligência artificial (IA) em indústrias, anunciaram uma parceria exclusiva que combinará a experiência em processamento mineral, química para o beneficiamento de minérios com a tecnologia IA industrial. A oferta conjunta chama-se “BASF Intelligent Mine powered by IntelliSense.io” e fornece soluções de IA incorporadas ao processamento mineral e expertise química da BASF. Essa solução permitirá que as operações minerais se tornem mais eficientes, sustentáveis e seguras.

“BASF Intelligent Mine powered by IntelliSense.io”, é uma plataforma online aberta de tomada de decisões em tempo real, que pode ser configurada para indústrias individuais, normalmente dentro de três meses. Cada processo de mineração, como moagem, espessamento, flotação e bombeamento, é compatível com o aplicativo "OaaS" que prevê e simula o desempenho futuro, gerando aplicativos de processamento específicos para insights e otimização. À medida que vários aplicativos "OaaS" se unem, os clientes podem gerar ganhos de eficiência em toda a cadeia de valor mine-to-market.

O acesso a operações remotas permite a visibilidade em tempo integral do desempenho mineral operacional e financeiro, com especialistas de processos disponíveis da BASF para fornecer suporte em tempo real. Além disso, a ferramenta de simulação incorporada pode ser utilizada para testar condições de operação alternativas, treinar funcionários e executar cenários hipotéticos sem interferência.

As soluções da IA são baseadas em uma arquitetura de nuvem híbrida, permitindo tanto a implantação no local quanto na nuvem, para ajudar os parceiros do setor de mineração a acelerar seus programas de digitalização em suas operações.

A empresa Image Resources foi a primeira a adotar a "Intelligent Mine", obtendo, assim, resultados promissores no setor de mineração de areia. "A Image Resources está animada e otimista em relação ao potencial que a BASF Intelligent Mine powered by IntelliSense.io pode ter para impactar positivamente a precisão e a eficiência das funções do nosso controle de processo para melhorar significativamente nossos resultados financeiros", afirma Patrick Mutz, diretor geral da Image Resources. "Com a nossa experiência até agora, estamos confiantes de que alcançará esses resultados, simplificando e desestressando a tomada de decisões operacionais".

"A nossa parceria com a IntelliSense.io combina inteligência artificial de última geração e experiência no beneficiamento de minérios, em uma plataforma de otimização poderosa, rápida e fácil de implantar", explica Damien Caby, vice-presidente sênior de Soluções para Petróleo e Mineração da BASF. "Melhorias na eficiência resultantes das primeiras implementações por nossa equipe conjunta dedicada estão ajudando os clientes a acelerar a transformação digital de suas operações de mineração."

"Em um difícil cenário econômico e de restrições operacionais, a necessidade de foco na produtividade da mineração está impulsionando a pressão sobre as despesas operacionais e requer soluções inovadoras, com entrega de valor acelerada", acrescenta Sam G. Bose, CEO da IntelliSense.io. "A parceria entre a BASF e a IntelliSense.io garante que as empresas de mineração tenham um parceiro que compreenda tanto o seu risco operacional como as novas tecnologias".

Para aqueles que procuram acelerar seus esforços de digitalização atuais, mais informações sobre a plataforma "BASF Intelligent Mine powered by IntelliSense.io", podem ser encontradas em www.basfintellisense.io ou por meio de um representante da Soluções de Mineração da BASF.

Fonte: Segs

Data: 31/07/2020

Pesquisa

FAPESP

MINERAÇÃO BIOTEC

Uso de bactérias para tratar minérios em jazida de ouro em Mato Grosso pode reduzir risco ambiental e custos de operação

A mina de ouro Zé do Vermelho, em atividade desde 2015 em Paranaíta, no norte de Mato Grosso, programa instalar até abril de 2021 um sistema de bio-oxidação que utiliza microrganismos no processo de tratamento do material extraído da jazida. O investimento no conjunto de reatores bioquímicos com capacidade de processar 60 toneladas de material mineral por dia é estimado em R\$ 3 milhões. "O biotratamento permitirá uma economia significativa de insumos químicos e resultará numa mitigação enorme do risco ambiental", prevê o empresário André Vienna, gestor da Tório Mineração, a controladora da unidade matogrossense. A mina produz 120 quilos (kg) de ouro por ano e tem reserva medida em cerca de 8,2 toneladas (290 mil onças).

A separação do ouro do material mineral extraído de uma jazida é realizada primeiro por peneiramento e, depois, por moagem por meio de métodos gravimétricos, utilizando centrífugas ou mesas vibratórias. Muitas vezes, porém, o ouro está envolto por enxofre, sulfetos e outras impurezas. É o chamado ouro refratário. A extração então exige um processo de lixiviação, isto é, a dissolução das impurezas em solução química.

A bio-oxidação é realizada com a incorporação de uma etapa prévia à lixiviação. O processo é simples. "As bactérias dispostas em reatores, grandes tanques de aço revestidos de polipropileno, alimentam-se do enxofre contido no minério. Seu metabolismo produz ácido sulfúrico. As impurezas são separadas e dissolvidas na solução corrosiva", explica Rafael Vicente de Pádua Ferreira, cofundador da Itatijuca Biotech. A startup é a responsável pelo desenvolvimento do sistema, feito com tecnologia nacional, que será implementado na mina Zé do Vermelho. As bactérias utilizadas, inofensivas aos seres humanos, são das espécies *Acidithiobacillus ferrooxidans* e *Acidithiobacillus thiooxidans*. A Itatijuca é residente na Incubadora de Empresas de Base Tecnológica do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen) e da Universidade de São Paulo (USP), gerida pelo Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia da Universidade de São Paulo (Cietec).

"A Tório será a primeira mineradora a adotar um sistema de biotratamento desenvolvido no país", salienta a química especialista em biotecnologia Denise Bevilaqua, atual coordenadora do grupo de pesquisa Bioprocessos Aplicados à Mineração e ao Meio Ambiente do Instituto de Química na Universidade Estadual Paulista (IQ-Unesp), em Araraquara, no interior paulista. Segundo ela, embora os processos de biotratamento mineral sejam consolidados e conhecidos em nível acadêmico e na mineração mundial, é preciso estabelecer uma rota biotecnológica específica para cada corpo mineral conforme a composição de seus minérios e condições ambientais.

Outro desafio é escolher a cepa de microrganismos mais adequada. “Não há receita de bolo. Cada operação mineral exige o estabelecimento de um processo biotecnológico próprio”, frisa.

Após o biotratamento, diz Vienna, a lixiviação demanda uma menor quantidade de material químico. Segundo ele, testes em escala-piloto realizados pela Itatijuca indicam um potencial de redução em 70% na utilização de ácido e cianeto e uma diminuição de 50% no tempo de lixiviação. O custo total da lixiviação deverá ser reduzido em 35%. Ele prefere não divulgar a comparação em números absolutos, uma vez que o volume de material químico utilizado e o tempo de lixiviação são determinados pelas características do lote de material a ser tratado e depende de muitas variáveis.

A menor utilização de produtos químicos no processo e a total eliminação do enxofre consumido das bactérias resultam em menor quantidade de rejeitos líquidos ácidos na lixiviação, que precisam ser drenados e tratados. Reduzem também o risco de liberação dos resíduos químicos no lençol freático, em caso de acidentes ou de incidência extraordinária de chuvas. Os resíduos sólidos também carregam quantidade menor de químicos e impurezas minerais, permitindo uma disposição final mais segura. “O risco ambiental da lixiviação é mais fácil de ser controlado”, explica Ferreira. “Quando sistemas como esse são instalados antes do início da atividade mineral, o licenciamento ambiental, em tese, corre mais rápido.”

Outra vantagem do pré-tratamento com a bio-oxidação é um melhor aproveitamento do minério refratário. “Muitas vezes os reagentes químicos na lixiviação tradicional não conseguem liberar o ouro encoberto pelas impurezas e todo o material acaba classificado como resíduo”, descreve Ferreira. “Durante os testes em escala-piloto triplicamos a eficiência na recuperação do ouro do material refratário”, afirma.

Despertar brasileiro

Quando implementar o processo de bio-oxidação, a Tório se tornará a única mineradora brasileira a utilizar métodos biotecnológicos em seu processo produtivo. A bio-hidrometalurgia, o conjunto de técnicas que utiliza rotas com microrganismos para retirar impurezas que envolvem minérios, é conhecida desde os anos 1960. Sua aplicação ocorreu pela primeira vez em uma mina de ouro na África do Sul, a Fairview, em 1986. Hoje, o biotratamento é bastante usual em extração de cobre, ouro, níquel, ferro, urânio e outros metais em minas em diversos países.

A pesquisa brasileira esteve entre as pioneiras da bio-hidrometalurgia. Uma equipe coordenada pelo biólogo Oswaldo Garcia Júnior implementou no início dos anos 1980 uma planta-piloto inédita no mundo para o biotratamento de urânio, desenvolvida para a Empresas Nucleares Brasileiras (Nuclebrás), estatal responsável por projetos de energia nuclear. O processo foi bem-sucedido, mas acabou desativado quando a empresa foi extinta em 1989. Em 1986, Garcia criou um núcleo de bio-hidrometalurgia no IQ-Unesp, onde se formou Maurício César Palmieri, cofundador da Itatijuca Biotech.

Além das iniciativas experimentais, como a implementada pela companhia Vale no biotratamento de cobre na Mina do Sossego, no Pará (ver Pesquisa FAPESP nº 200), e a realização de projetos com vários minérios pelo Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), a única aplicação em escala industrial de bio-hidrometalurgia em uma mineradora no Brasil foi realizada pela São Bento Mineração. A operação de extração de ouro ocorreu em Santa Bárbara, em Minas Gerais, com tecnologia utilizada fornecida por sua controladora, a anglo-australiana BHP Billiton. A mineradora, no entanto, fechou as portas, por conta do declínio da atividade de produção do ouro, interrompendo o projeto.

A experiência da Tório, conforme Denise Bevilaqua, do IQ-Unesp, pode representar o despertar da mineração brasileira para a bio-hidrometalurgia. “A mineração é uma atividade muito tradicionalista. Ninguém quer ser o primeiro a incorporar uma inovação, mas, quando alguém adota e é bem-sucedido, todos querem fazer igual”, observa.

O engenheiro de minas brasileiro Carlos Hoffmann Sampaio, um dos maiores especialistas no assunto e professor do Departamento de Engenharia Mineral e Industrial da Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha), explica que a maior dificuldade da bio-hidrometalurgia é a baixa velocidade que as bactérias agem. “Por isso, ela é normalmente usada para minas pequenas.” Apesar disso, ele defende que o uso do método possui um potencial de expansão expressivo, principalmente na mineração de minérios valorizados, como o ouro – em julho, sua cotação internacional está em torno de US\$ 58 (cerca de R\$ 315) o grama. Uma cotação nesse patamar, avalia Sampaio, estimula a exploração, inclusive em reservas minerais com baixos teores de ouro.

Numa jazida hipotética, exemplifica Sampaio, em cada mil quilos de minério se extrai por volta de 5 gramas de ouro liberado, não coberto por sulfetos, que podem ser obtidos apenas com a lixiviação tradicional, com cianeto. No mesmo material, há também outros 15 gramas de ouro refratário, aquele recoberto por sulfetos. Nesse caso, utilizar o biotratamento antes da lixiviação com cianeto resulta em um total de 20 gramas de ouro para cada mil quilos de minério. “Trata-se de um ganho que não se pode desprezar”, afirma o especialista.

Fonte: Pesquisa FAPESP

Data: 31/07/2020



ANM ENTRA NO PORTAL GOV.BR

Instituição é a primeira Agência Reguladora a integrar o portal único do governo federal

Na noite da última quinta-feira (30), a Agência Nacional de Mineração passou a integrar o portal único do governo federal, o chamado GOV.BR. Com a migração, a ANM é a primeira Agência Reguladora a entrar no novo sistema, mais moderno, intuitivo, limpo e dentro do novo padrão, trazendo uma experiência única para o usuário.

Como em todo processo, o site ainda está em fases de ajustes e assim permanecerá nos próximos meses, com a produção de capas internas e padronização de toda a identidade visual. Além disso, novos sistemas serão implantados e o conteúdo antigo será revisto e modernizado, com o objetivo de dar mais celeridade e transparência dos serviços da ANM não só ao setor mineral, mas também a toda a sociedade.

Nesta fase de transição e adaptação, o usuário ainda pode acessar o site antigo, por meio deste link aqui.

GOV.BR

O portal único é um projeto de unificação dos canais digitais do governo federal, concentrando em um só local as informações de utilidade pública e os serviços prestados pelos diversos órgãos e entidades. Ele traz uma identidade visual moderna e uniforme aos endereços eletrônicos, além de reduzir os custos com a manutenção deles.

A antiga estrutura de portais divididos por órgãos é substituída por um ecossistema baseado em serviços. Ou seja, o cidadão não precisa conhecer siglas ou estruturas funcionais da administração pública para poder utilizar um serviço.

A navegação é simples e focada nas necessidades do usuário de serviços públicos. O cidadão pode realizar buscas e navegar em páginas que apresentam os mesmos padrões de interação e usabilidade, o que garante uma experiência mais intuitiva dentro da plataforma.

Fonte: GOV.BR

Data: 31/07/2020



MINERAÇÃO ESTÁ ENTRE OS 10 SETORES INDUSTRIAIS MAIS CONFIANTEIS, INFORMA CNI

Os resultados setoriais do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da indústria mostram o crescimento na confiança dos empresários. A confiança aumentou em 25 dos 26 setores da Indústria de transformação pesquisados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). A exceção é Biocombustíveis. Desses 26 setores, os empresários estão confiantes em nove, sendo que em oito os empresários passaram a ficar confiantes (indicador acima de 50 pontos) em julho; no setor de Farmoquímicos e farmacêuticos, os empresários já estavam confiantes em junho. A atividade industrial de extração de minerais não metálicos está entre os setores confiantes.

O ICEI da Indústria de Construção atingiu 46,3 pontos, após crescer 3,7 pontos em julho. É a terceira alta consecutiva do índice, que acumula alta de 11,5 pontos no período. Todos os três setores da Construção considerados registraram crescimento do indicador, mas seguem abaixo da linha divisória que separa falta de confiança de confiança.

O ICEI da Indústria Extrativa passou de 50,8 pontos em junho para 53,8 pontos em julho, ou seja, mostra aumento da confiança dos empresários desse segmento industrial. Esse é o décimo setor que passou da linha divisória.

O ICEI ouviu 2.305 empresas entre 1º a 13 julho, sendo 899 pequenas empresas, 845 médias e 561 grandes.

Setores confiantes: Extração de minerais não metálicos; Produtos alimentícios; Químicos; Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal; Produtos farmoquímicos e farmacêuticos; Produtos de borracha; Produtos de material plástico; Produtos de minerais não metálicos; Outros equipamentos de transporte; e Móveis.

Fonte: Portal da Mineração

Data: 30/07/2020



VALE DO BRASIL ESTUDA EXPANSÃO DE MINAS E SAMARCO RECOMEÇA EM MEIO À FORTE DEMANDA CHINESA

A mineradora brasileira de minério de ferro Vale SA está enviando uma proposta este mês para o conselho de expansão no complexo de mineração do Sistema Norte, e a empresa espera reiniciar as operações no complexo da Samarco em dezembro, disseram executivos nesta quinta-feira.

Em declarações aos analistas após o anúncio dos resultados do segundo trimestre da empresa, os executivos adotaram um tom otimista, dizendo que é a única mineradora capaz de fornecer 100 milhões de toneladas de produção adicional de minério de ferro para atender à forte demanda da China pelo principal ingrediente da siderurgia.

A Vale planeja produzir 400 milhões de toneladas por ano até o final de 2022, uma meta inicialmente estabelecida para o ano passado e atrasada após a explosão de uma barragem de propriedade da empresa em janeiro de 2019, matando 270 pessoas e forçando o fechamento das minas.

À medida que a produção se recupera, a Vale atingiu um novo recorde de produção de minério de ferro em seu principal complexo S11D no norte do Brasil, disse um executivo. Ela espera que seu complexo de Itabira, no sudeste do Brasil, atormentado com os casos do novo coronavírus, retome a produção total em 2021.

As ações da Vale listadas no Brasil caíram 3% no comércio da manhã, pois a empresa perdeu o consenso de mercado para seus resultados e registrou um aumento nos custos. O índice de referência da Bovespa no Brasil caiu 1,3%.

A Vale também emitiu alguns avisos aos investidores.

A pandemia deve atingir a produção de minério de ferro em 10 milhões de toneladas em 2020, disseram executivos. Também são esperadas disposições adicionais sobre o projeto de níquel da Nova Caledônia, atualmente em construção.

Além disso, eles disseram, o reinício da Samarco pode demorar um pouco, o que significa que as operações serão retomadas no início de 2021.

Na quarta-feira à noite, a Vale anunciou que estava retomando o pagamento de dividendos, interrompido após a barragem estourar na cidade brasileira de Brumadinho no ano passado.

"A falta de dividendos foi uma desvantagem relativa significativa para a Vale em relação às outras grandes mineradoras de minério de ferro", disseram os analistas da Jefferies Research, Christopher LaFemina e Petar Petrovski.

Fonte: Reuters

Autores: Sabrina Valle e Gram Slattery

Data: 30/07/2020



BRASIL ENTRA NO RALI MUNDIAL DO OURO, QUE PODE ESTAR SÓ COMEÇANDO

"Ouro vale mais do que dinheiro." O bordão de Silvio Santos, de 21 anos atrás, vem sendo levado ao pé da letra na tomada de decisão de investidores brasileiros – muito embora insistam em dedicar os louros da tese a outros gurus, como o americano Ray Dalio.

No ano, os contratos para compra de ouro mais negociados na B3 (250 gramas, em contratos que consideram também a variação cambial no período) já se valorizaram 58%. A comparação com outros "ativos reais" ajuda a entender a magnitude: o dólar comercial teve alta no período de mais de 28% (embutida também nos preços do ouro na B3); e o Ibovespa, queda de 10%.

Esse movimento está em linha com o rali recente de preços do ouro em Nova York. Desde o inusitado tomo do metal no estourar da crise, em março, em que foi à mínima de US\$ 1.477 por onça-troy (31,3035 gramas), o metal já se valorizou em mais de 31%, aos US\$ 1.945. Foi furada pela primeira vez a barreira psicológica dos US\$ 1.900, e no mercado há quem já dê por vencida a linha dos US\$ 2.000.

A alta do ouro coincide com a perda de prestígio do dólar como reserva de valor nas últimas semanas, no mundo todo. Contra uma cesta de moedas, o dólar alcançou nesta semana o nível mais baixo em dois anos. Mas mais que seus preços aquecidos, os volumes de negociação de ouro na B3 demonstram com maior clareza os brasileiros sintonizados com a corrida mundial pelo ativo.

No universo dos fundos, mais números chamativos trazidos pelo ouro. O que era um mercado ínfimo, como mostra a base de dados da Morningstar, já não é mais tão incipiente assim.

"É interessante ver que muita gente entrou nesse mercado, mas que o investimento médio mudou pouco", diz Marcelo d'Agosto, consultor e blogueiro do Valor Investe. "Indica que as pessoas estavam e seguem diversificando".

Sobre essa explosão da demanda por ouro no Brasil, o gestor José Rocha, da Dahlia Capital, aponta que é só o início. "O posicionamento em ouro do mercado ainda é muito pequeno, 0,5% dos portfólios, e se você pensa nos riscos que existem por aí parece haver ainda bastante espaço para crescimento."

Mas, antes de falar dos riscos, Rocha atribui parte dessa alta na demanda pelo ouro, transformada em produtos pela indústria de capitais, à mesma conjuntura econômica que vêm empurrando mais pessoas às bolsas, faça, chuva, sol ou pandemia de Covid-19.

"Muitas vezes as decisões que você toma são relativas", diz, explicando um dos motivos pelos quais a Dahlia tem posições compradas de ouro já há dois anos. "O ouro, por definição, paga juros zero, mas a renda fixa, hoje, nem isso."

"As pessoas querem fugir do dinheiro, ir para ativos reais", diz George Wachsmann, gestor de patrimônio da Vitreo. "E o ouro ainda tem todo um fetiche, a história de ser escasso, ninguém cria ouro, e isso ajuda."

Conforme recorda Rocha, da Dahlia, não é de hoje que os juros no mundo estão baixos. No Brasil, a partir da então mínima histórica, a Selic desceu de 6,75% ao ano, em fevereiro de 2018, aos 2,25%, neste ano. E na próxima quarta-feira, pode vir ainda novo corte.

"Outra forma de entender essa vantagem comparativa do ouro em relação a moeda é pensar que, se os países estão imprimindo dinheiro como se não houvesse amanhã, ouro eles não têm como imprimir mais", diz Rocha, remetendo à tese crescente de que o dólar terá seu valor pulverizado ao longo dos próximos anos.

"Ninguém está olhando, por exemplo, o custo marginal do ouro para chegar a US\$ 1.900 por onça-troy", afirma William Alves, estrategista-chefe da Avenue. "Tem muito pouco a ver com fundamento", diz. A liquidez do ouro, comparada a outros ativos palpáveis, caso de terrenos e imóveis, conta também a favor do metal. "Pesa muito a falta de outras alternativas, enquanto há um excesso de liquidez nos mercados."

Com o mantra da diversificação à mão, Alves vê com bons olhos essa escolha do investidor revelada nos números. "Diversificação é buscar retorno onde quer que esteja", diz. "Se o dólar vai mal, mas tenho ouro, consigo me proteger."

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 29/07/2020



EQUINOX INVESTE R\$ 400 MILHÕES NA REATIVAÇÃO DA MINA DE OURO EM SANTALUZ (BA)

A operação comercial está prevista para começar em agosto de 2021

A mineradora Equinox participou de uma reunião com executivos da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM) na última sexta-feira (24/7) e informou sobre a reativação da mina de ouro em Santaluz (BA). Segundo a Equinox, serão investidos inicialmente R\$ 400 milhões na reativação e a produção estimada é de 100 mil onças de ouro por ano. Os estudos iniciais para implantação da mina C1 Santaluz foram feitos pela CBPM.

"São mais 1.500 postos que serão abertos no interior do Estado. A mineração é um dos setores que menos sofreu com a retração econômica e certamente será um dos pilares da recuperação baiana no pós-covid", afirma Antônio Carlos Tramm, presidente da CBPM. A operação comercial está prevista para começar em agosto do ano que vem.

Participaram da reunião, além do presidente da CBPM, o diretor técnico Rafael Avena, o chefe de gabinete Carlos Borel e o gerente de empreendimentos minerais Albert Hartmann. Pela Equinox, estiveram presentes o vice-presidente de sustentabilidade e licenciamento, Cesar Torresini e o gerente de segurança e meio ambiente, Luiz Lourenço Fregadolli.

Fonte: Conexão Mineral

Data: 29/07/2020